Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 176; ALVES, F. e FERRÃO, P.M., 2009, pp. 144-147; ANGHEBEN, M., 2016, pp. 171-208; CAMBIER, H., 2014, p. 26; GOMES, S.A., 2002, pp. 272 e 281; KESSLER, H.L., 2014, p. 261; MIGUÉLEZ CAVERO, 2007, pp. 124-130; S.A., 1882, Sala M, n.º 14; SANJOSÉ LLONGUERAS, L., 2016, pp. 98-129; SANTOS, A.P.F. e SARAIVA, A.M.S., 1997-98; SANTOS, A.P.M., 2021, pp. 27-50; SANTOS, A.P.M., 2018, I, pp. 121-127 e 129-132, II, pp. 18-26; SOALHEIRO, J., *in* CRISTO FONTE DE ESPERANÇA, *s.v.* "Arqueta-relicário", 2000, pp. 296-297.

Museu Nacional Grão Vasco

INSTITUÍDO A 16 DE MARÇO DE 1916 a partir da integração das coleções de pintura da Sé de Viseu e do tesouro do seu cabido, o Museu de Grão Vasco surge a partir de um peculiar processo de apropriação do património litúrgico da catedral. De entre estas peças devemos destacar a coleção do pintor Vasco Fernandes (c. 1475-1542), celebrizado no decurso dos séculos com o epíteto Grão Vasco, constituído por conjunto notável de pinturas de retábulo, provenientes da Catedral, de igrejas da região e de depósitos de outros museus.

O acervo do museu inclui ainda objetos e suportes figurativos originalmente destinados a práticas litúrgicas (pintura, escultura, ourivesaria e marfins), maioritariamente provenientes da Sé de Viseu e de igrejas da região, a que acrescem peças de arqueologia, uma coleção importante de pintura portuguesa dos séculos XIX e XX, exemplares de faiança portuguesa, ourivesaria, porcelana oriental e mobiliário.

Entre 2001 e 2003, o museu foi objeto de um projeto de intervenção da autoria do Arquiteto Eduardo Souto Moura, que o adaptou às exigências de um programa museológico novo.

Fonte: Museu Nacional Grão Vasco - Museu Nacional Grão Vasco (museunacionalgraovasco.gov.pt)

CRISTO CRUCIFICADO ARTICULADO

A imagem de *Cristo Crucificado* (inv. 890) que se guarda no Museu Nacional Grão Vasco é de consideráveis dimensões (162 x 156 x 23 cm). Esculpida em dois tipos de madeira, apresenta vestígios de policromia. A cabeça, desprovida de cabelo, inclina-se para a direita, mostrando o rosto barbado, olhos abertos e sobrancelhas muito marcadas. A imagem apresenta articulações nos braços, ao nível dos ombros, dos cotovelos e das mãos. Os membros inferiores são articulados nos joelhos e nos pés, sendo possível girar os dedos dos pés. Uma das pernas move-se ao nível da anca, enquanto a outra está fixa.

São distintas as espécies de madeira que compõem esta imagem. A cabeça foi esculpida em madeira de castanheiro (*Castanea sativa* Miller) assim como parte do tronco. No tórax e nos braços foi empregue o teixo (*Taxus baccata* L.). Segundo Cristina Nabais, os resultados das análises da matéria das diferentes peças que compõem esta escultura permitem atribuir-lhe uma datação no século XIII.

Esta imagem integra-se numa tipologia de Cristos articulados, cuja principal característica consiste na sua capacidade de movimentar os braços e, como é o caso da imagem do Museu Nacional Grão Vasco, outras partes do corpo. Estas características, que possibilitam a mobilidade da imagem, indicam que ela integraria um conjunto representativo do *Descimento da Cruz* ou que seria utilizada nas cerimónias da *Deposição da Cruz*. A existência deste tipo de imagem deve ser entendida na sua relação com os rituais da Semana Santa. Como refere María José Martínez Martínez, a propósito do *Santo Cristo* de Burgos, é nas cerimónias da *Depositio* e do *Santo Enterro* que as imagens articuladas adquirem o seu significado, uma vez que se adaptavam, melhor do que as outras, ao desenrolar daqueles episódios.

Em Portugal conserva-se um número considerável de *Cristos Crucificados*, produzidos em madeira e habitualmente datados entre o final do século XIII e o final do século XV. Um dos exemplares mais expressivos, como referiu Mário Barroca, é o *Cristo Negro* proveniente do mosteiro de São João das Donas, anexo ao de Santa Cruz de Coimbra, atualmente guardado no Museu Nacional de Machado de Castro (inv. 10891) e datado da segunda metade do século XIV. Correspondem estas imagens a um tipo iconográfico que representa *Cristo* sofredor. O corpo descai, porque os braços cedem ao seu peso, mostrando o sofrimento de *Cristo* na chaga do peito, da qual escorre sangue, a cabeça muito descaída mostra habitualmente os olhos fechados, os joelhos estão feridos, as mãos perfuradas e os pés, um sobre o outro, cravados na cruz. Esta amostragem da dor e do sofrimento constituía um poderoso meio de provocar conversões e traduz quanto se foi acentuando o gosto devocional pelos mistérios dolorosos de *Cristo*.

O *Cristo Crucificado*, em madeira com vestígios de policromia, do Museu Nacional de Soares dos Reis (inv. 56 Esc), de proveniência desconhecida, tem igualmente os braços articulados. As suas dimensões (150 x 135 x 23 cm)



Cristo Crucificado articulado (Foto: Museu Nacional Grão Vasco, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF/MNGV). Autor: Alexandra Pessoa. IFN: 57420)

embora menores, não diferem muito das dimensões da peça de Viseu. O exemplo mais expressivo de uma imagem articulada que integrava um *Descimento da Cruz* ou da *Deposição da Cruz* é o *Cristo* da Igreja de Santa Iria da Ribeira de Santarém, cuja cronologia tem sido atribuída ora aos finais do século XIII ora à primeira metade do século XIV.

Todavia, o exemplar cronologicamente mais próximo do *Cristo Crucificado* do Museu Nacional Grão Vasco é a escultura designada de *Bom Jesus de Matosinhos* (204 x 169 cm) que se conserva naquele santuário (distrito do Porto). As análises à matéria da cruz e da imagem, esculpida em salgueiro (Genus *Salix*) e com vestígios de policromia, revelaram uma datação entre o final do século XII e o início do século XIII, resultados apresentados por Alexandre Maniés, Carolina Barata e Ana Calvo.

São bem conhecidos os exemplos de *Descimento da Cruz* conservados no Museu Nacional de Arte da Catalunha e no Museu Episcopal de Vic. Em madeira originalmente policromada, datados entre a segunda metade do século XII e o início do século XIII, estes conjuntos, que nem sempre se conservaram completos, podiam ser constituídos por cinco, sete ou nove imagens. À figura de *Cristo na Cruz* associavam-se as imagens do *Bom* e do *Mau Ladrão*, *Nossa Senhora* e *São João*, ladeando a cruz, *José de Arimateia* e *Nicodemus* e, por vezes, *Longinus* e *Stephaton*.

Um dos exemplares da imagem de *Cristo Crucificado* articulado do Museu Nacional de Arte da Catalunha (inv. 015-950-000) foi de singular importância para a História da Arte medieval. Na cavidade existente no reverso conservou-se um pergaminho que refere a consagração da imagem em 1147. Esta datação tem um subido valor, já que permitiu recuar no tempo o surgimento do tipo iconográfico que apresenta: o de *Cristo* sofredor, com o corpo coberto apenas pelo *perizonium*, tipologia tradicionalmente enquadrada na época gótica.

Jordi Camps i Sòria refere-se à existência deste tipo de escultura, datada do século XII, numa ampla geografia, desde a Galiza à Catalunha, no caso de Espanha, que, com

diferentes variantes se encontra em França e Itália, entre outros países. Notando embora a aparente ausência da escultura de vulto talhada em madeira anterior ao século XII, Camps i Sòria refere a importância de estudos técnicos e sistemáticos que permitam considerar a hipótese de uma mais antiga origem destas imagens.

Já nos referimos à relação entre as imagens articuladas de Cristo e os rituais da Semana Santa. Todavia, a imagem de Cristo crucificado podia ser *ativada* em outras circunstâncias e em tempos bem mais recuados do que o século XII. Jean-Marie Sansterre alude ao milagre ocorrido em Roma em 921, na quarta-feira Santa. O relato do milagre, em documento coevo, refere uma imagem de *Cristo Crucificado* que chorou copiosamente no momento da leitura da sua Paixão. Ao mesmo tempo o suor escorreu abundantemente pelas suas costas. Além da sugestão de uma imagem de vulto que esta descrição aparenta testemunhar, o milagre testemunha como os sofrimentos de Cristo se ritualizavam pela conjugação entre a leitura e a presença do crucifixo.

No que diz respeito à cronologia do *Cristo Crucificado* do Museu Nacional Grão Vasco recordamos que as análises feitas à madeira provaram que a escultura é do séc. XIII, o que conjuntamente com a imagem do *Bom Jesus de Matosinhos* permite recuar esta tipologia, no contexto da arte medieval portuguesa.

Texto: LCR - Fotos: MNGV-DGPC



Pormenor da cabeça (Foto: Museu Nacional Grão Vasco, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF/MNGV). Autor: Alexandra Pessoa. IFN: 57420)

Bibliografia

Almeida, C.A.F. e Barroca, M.J., 2002, p. 180; Camps i Sòria, J., 2019, pp. 8, 14, 25 e 31; Manies, A. *et alii*, 2017, p. 70; Martínez Martínez, M.J., 2003-04, pp. 233-234; Nabais, C. e Rodrigues, D., 2014, p. 85; Sansterre, J.-M., 2013, p. 80.